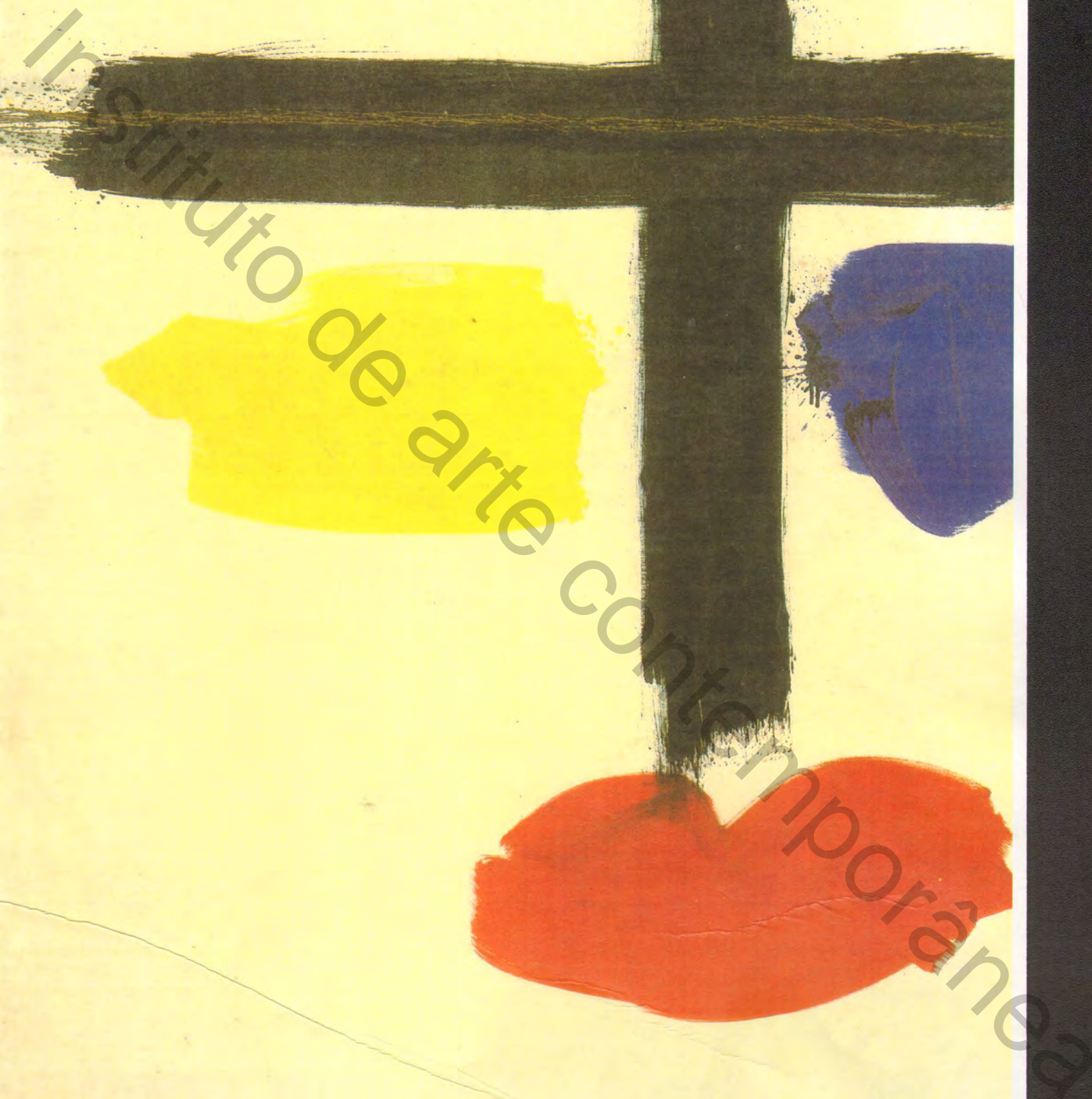


GALERIA

REVISTA DE ARTE

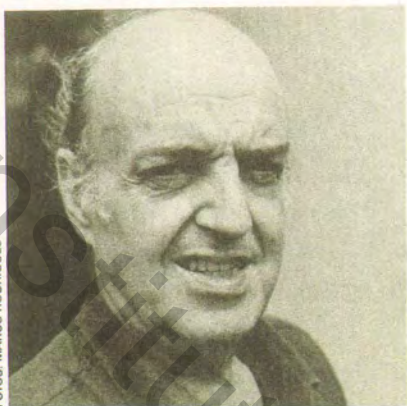
7

1987
Cz\$ 100



TRIPOLLI • LUCIANO CASTELLI • SERGIO CAMARGO • BARAVELLI •

SÉRGIO CAMARGO: O CLARO/ESCURO ENIGMA



FOTOS. MARCO RODRIGUES

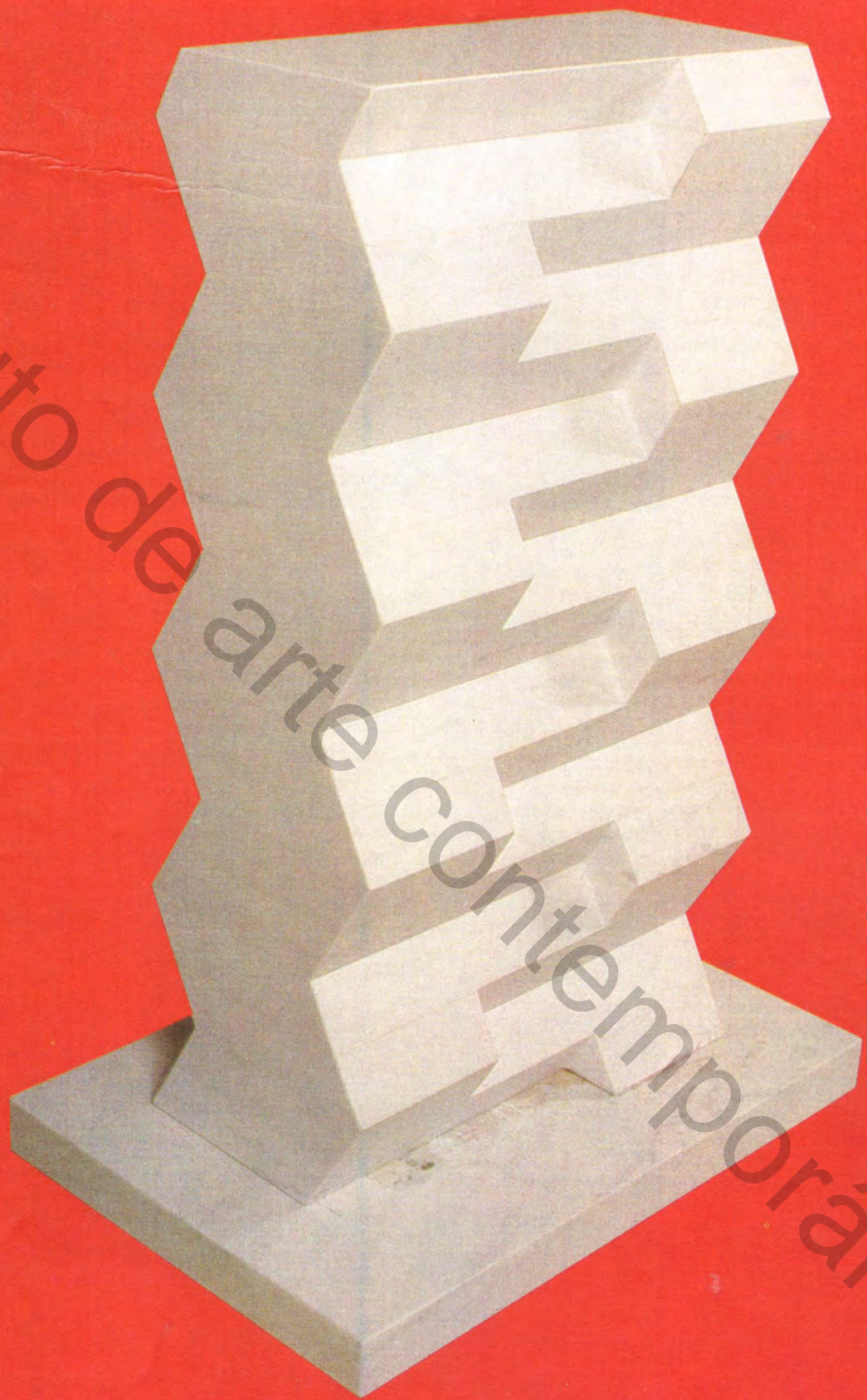
A arte de Sérgio Camargo é um puro exercício de inteligência plástica, isto é, o conjunto de sua obra, desde os anos 60, tem se firmado como raciocínios visuais, de extrema elegância, afixados no mármore ou, no caso de seus relevos, na madeira pintada de branco. Raciocínios visuais: isto não significa que a sua obra seja inscrita na ordem de um puro formalismo matemático. Sérgio Camargo embaralha os conceitos de ordem e simetria. Existe a lógica de Alice, de Lewis Carroll — a organização da clareza, o princípio construtivo e a apreensão desta clareza, da ordem do puro jogo, desordem. O crítico Ronaldo Brito avaliava esta complexa articulação em 1975: "É claro que a tradição construtiva em que se insere Sérgio Camargo não é a dos racionalistas, defensores de uma arte geométrica, de formas puras. Nos seus trabalhos há o sistema e o excesso, há a ordem e a loucura da ordem. O método combinatório empregado (...) não seria, digamos, positivista, mas dialético. A obra não se apresenta à observação como unidade fechada para ser lida e compreendida num movimento linear de raciocínio."



Instituto de arte contemporânea



Instituto de arte contemporânea



A questão fundamental da obra de Camargo está posta nesta preocupação de reter e expandir a luz. Daí vem o caráter emocional e estético de suas esculturas. É uma fenomenologia da luz, buscando sua inserção na temporalidade, o que o faz também trabalhar a mobilidade perceptiva do expectador. "Não vejo o trópico necessariamente como o lugar da explosão da cor, da luz intensa; vejo-o como vibração luminosa, jogos de luminosidade. Talvez por isso nunca tenha usado a cor nos meus trabalhos. Meu problema é a estrutura, a modulação. O que faço está longe de ater-se ao problema da forma. Não é que não tenha uma forma: mas não é uma forma, é a forma", dizia numa entrevista a Roberto Pontual em 1975. "Eu nunca passei pela pintura — diz agora — diferente dos artistas de minha geração fui direto para

a escultura."

Já o crítico suíço Jean Clay observava nos anos 60, na época dos relevos, o que era constitutivo da obra de Camargo: "Entre a ordem e a desordem, a construção e a germinação, o orgânico e o sistemático, a obra de Camargo (...) nasce dessas tensões e da recusa de escolher entre elas". Na verdade — e os críticos têm poucas novidades a oferecer diante das obras de Camargo — o método, a opção estética e a poética da sombra e da luz conquistadas pelo artista, ao longo dos anos, continuam os mesmos. Mas, trabalhando com estruturas mínimas, dilatando o grau e fazendo suas novas esculturas expandirem-se em enigmáticas formas, o artista consegue, a cada exposição, realizar uma proeza: o velho método engendra múltiplas surpresas ■

WILSON COUTINHO

